

## Reflexões sobre o bilinguismo

*Paulo Schiller<sup>1</sup>*

Há alguns anos, estive em Budapeste depois de ter passado um bom tempo sem falar húngaro. A língua viveu no meu cotidiano enquanto eu podia conversar com minha mãe em nossos encontros. Depois da morte dela, e também porque dos amigos da geração dos meus pais havia poucos, a interação com o húngaro restou nos livros que eu decifrava enquanto os traduzia e ao assistir a um filme com o orgulho de quem dispensava as legendas descuidadas feitas em um inglês precário.

Em Budapeste, eu experimentava uma curiosa solidão no país que abrigava os romances passados das minhas duas linhagens familiares. Nos primeiros dias não procurei parentes ou amigos, apenas troquei algumas palavras com atendentes de lojas e garçons. Jantei embalado pelas canções que minha mãe cantava depois de duas taças de vinho. Foi nessa viagem que eu me dei conta do quanto a língua húngara tinha me dado: como toda língua, uma forma diferente de olhar para o mundo, um humor particular, a identificação com uma história recheada de acontecimentos trágicos. Nos últimos anos, foi por meio do húngaro que fiz amigos no meio literário e editorial no Brasil, e foi também pelas traduções que ganhei um reconhecimento junto de amigos e representantes do meio diplomático e acadêmico de Budapeste.

No primeiro dia, depois de algumas horas caminhando sem finalidade pelas ruas, eu me refugiei no hotel. No quarto, comecei a anotar minhas primeiras impressões. Parecia apócrifo escrever em português, mas o exercício representava também o sentido de um retorno, de uma volta para casa, a outra casa, para a língua em que sei ler e escrever, para a língua em que falo com os meus filhos.

---

1 Psicanalista e tradutor de Imre Kertész, além de Sándor Márai e outros autores húngaros. (ver transcrição de palestra na pág. 125).

Nas frases que surgiam no papel eu sentia uma suave acolhida, um apaziguamento da febre que tomara conta de mim, da velocidade com que o húngaro tinha se apoderado do meu cérebro nas calçadas da cidade, e me levava a ser habitado por um enxame de ideias e palavras velozmente encadeadas que me exauriram e me impediram de adormecer. Algumas horas no país em que, curiosamente para mim, todos falam a língua da minha infância são suficientes para que eu passe a pensar e discutir comigo mesmo em húngaro.

O húngaro foi durante décadas a língua dos meus pais, das relações deles, dos mais velhos. Toda vez que crianças ou jovens falando em húngaro passavam por mim na rua eu me voltava com uma sensação de estranheza. O efeito daquelas falas era cômico. Crianças e jovens no Brasil nunca falavam húngaro. Ou melhor, com crianças e jovens, ainda que falassem em húngaro, eu conversava em português.

Da mesma forma, em húngaro as palavras da paixão e do amor me soam falsas, de plástico, artificiais. Parece-me impossível amar em húngaro. Praguejar também não faz sentido. O riso se impõe.

Tudo se passa como se as línguas delimitassem um universo de possibilidades e como se desse universo o húngaro tivesse recortado para mim o ambiente das relações familiares. Pronunciei minhas primeiras palavras em húngaro. Por vezes sonho em húngaro. Sei que sou fluente e não tenho sotaque de estrangeiro. Ainda assim, os locais sempre insistiram – e eu me sentia ofendido – em se dirigir a mim com um “yes, mister” em inglês. No tempo do comunismo eu os compreendia. Desejavam arrancar de mim a calça jeans que para eles era uma raridade cobiçada. Mas hoje em dia, a percepção do estrangeiro deve se dar por uma via menos consciente, talvez por meio dos nossos gestos, da curiosidade denunciada pelo nosso olhar, pela nossa hesitação diante de certos códigos: o modo como pedimos um sanduíche ou perguntamos o preço de alguma coisa. Eu revivia nisso o fenômeno em que é o outro que diz quem você é e decide se você pertence à cultura dele. A situação evoca a clássica piada em que o português pergunta a brasileiros que língua eles falam, uma vez que ele entende tudo. Ao se debater com o dilema da emigração, a dor que sentiria por deixar seu país, Sándor Márai concluiu a certa altura, em seus diários, que ele levaria consigo a língua, como se fosse sua nação portátil.

Tenho orgulho da literatura húngara, como se ela me representasse. Com o mesmo entusiasmo falo dos inúmeros cientistas e matemáticos excepcionais que a Hungria entregou ao mundo. Tenho a comida típica como minha. Sinto a música local como se me pertencesse. Por outro lado, me emociona a música brasileira, sinto seu sabor único, juntamente com os pratos da culinária tropical, degusto as

praias e o mar da nossa costa, Fernando Pessoa fala à minha alma com mais intimidade que os incontáveis gênios da poesia magiar. Duas tradições convivem em mim em harmonia, se complementam, e dividem em minhas reflexões certa aversão pela trajetória política dos dois países. Sempre me considerei um nativo cindido ao meio, com essa mistura de duas culturas delineadas por dois recortes linguísticos.

Quando estive deitado no divã ensaiando os primeiros passos da minha análise pessoal, comecei a certa altura a me dedicar à inevitável tarefa de reconstruir as memórias da infância. Em dado momento, a narrativa pareceu inverossímil, sem gosto, minha fala se tornou pegajosa. Nessa hora, minha analista fez uma proposta extraordinária. Ela disse, “fale em húngaro, depois você traduz”. De início, senti certa vergonha, não porque ela não entenderia, mas porque ao ensaiar mentalmente as palavras na língua da época dos acontecimentos passados, eu percebi que viajaria de fato de volta para a atmosfera daquele ambiente distante. Por fim, aceitei a sugestão e recuperei o clima da infância, com suas fantasias e segredos, com uma força que eu não imaginava que fosse possível. Depois, à medida que a análise caminhava, eu recorri por diversas vezes ao húngaro, sem me preocupar em traduzi-lo. Na análise, a partir de dado momento, falamos para nós mesmos, sabemos que não é o outro que detém as soluções para nossas angústias.

Segundo Lacan, de um campo infinito de significantes, o Outro, que nos oferece a entrada no campo da linguagem, nos recorta um conjunto particular, referente à nossa herança histórica e ao projeto de futuro contido em uma espécie de contrato que assinamos alienados, sem ler suas cláusulas. De algum modo misterioso, no meu caso, e provavelmente no de outros nativos bilíngues, esse recorte contém significantes que pertencem cadeias construídas por sintaxes diferentes. Uma delas ficou restrita durante muitos anos à língua falada. O português, por outro lado, se enriqueceu com a leitura e a escrita. Entretanto, eu penso que valem como nativos as sintaxes, os modos de construção dos dois idiomas, que resultam em uma amplitude maior de possibilidades de construção e de interpretação da realidade, que, em última análise, é psíquica. Por vezes, o que é impossível em uma língua se mostra viável e óbvio na outra. O mesmo vale para uma riqueza maior na produção de fonemas. Assim como o húngaro dificilmente consegue aprender, na idade adulta, a pronunciar os sons anasalados do português, o brasileiro quase nunca enunciará a contento a letra “gy” do húngaro (em inglês seria uma mescla do “du” em “duke”, e “ju” em “juice”. Sem deixar de mencionar que “gy” em húngaro equivale a *uma letra*).

Dizem que o húngaro pode perder tudo, menos o seu sotaque. O dito se origina do fato de que todas as palavras húngaras têm na primeira sílaba a tônica.

O húngaro, ao falar qualquer outra língua tem dificuldade em enunciar paroxítonas e faz um esforço excessivo, e via de regra inútil, para dar conta das oxítonas. Da mesma forma, a e á são para o húngaro letras diferentes. Como são diferentes para nós um “c” e um “r”. Entre “a” e “á”, para um brasileiro falta somente o acento. Somos capazes de ler a palavra *martir* e dizer que o acento falta. Mas não nos escapa seu sentido. A mesma palavra, com o mesmo significado, existe em húngaro, mas, para a leitura de um brasileiro, com dois acentos: *mártír*. Se apresentarmos a um húngaro a palavra sem o que em português seriam acentos, ele levará por vezes um bom tempo para deduzir de que palavra se trata. Eventualmente, numa situação que para nós parece insólita, ele dirá que não conhece a palavra. Para ele as “letras” estão trocadas: a em vez de á e i em vez de í. Há inúmeras ocasiões em que pela simples falta do que para nós seria um acento, o húngaro não consegue atinar com o significado do que está escrito.

O bilíngue, por sorte, aprende sem pensar, parafraseando Paulo Rónai, que, por exemplo, uma língua pode ter ou não preposições, pode ter um ou três tempos verbais para o passado, pode ter ou não flexão de gênero. O bilíngue terá, certamente, uma facilidade maior – ou um estranhamento menor – para aprender outras línguas.

Eu disse que falo em português com os meus filhos. Ou seja, o húngaro ficou excluído da minha comunicação com eles. Por uma característica da linguagem, o que é dito recorta o que é excluído. Em outras palavras, o que se enuncia não delinea à sua volta uma ausência qualquer. O que se exclui traça o desenho não de um silêncio vazio de significado, mas do que foi silenciado. Nas histórias familiares há segredos, acontecimentos não contados. Os segredos são silenciosos, mas têm efeitos. O que reforça os laços de uma família e as identificações entre parentes são os segredos mudos, porém compartilhados. Eles podem aparecer ao longo da vida de cada um como escrita estranha a ser decifrada. Os segredos ocupam espaço, têm forma, provocam deslocamentos, são mais poderosos que as palavras. O que não é dito pode justamente ser o núcleo de um projeto de vida. Projeto ausente da vontade consciente dos pais. Um projeto inconsciente, em que o ignorado age como ponto de amarração que orienta os caminhos de uma existência. A estrutura das tragédias gregas nos revela que o silenciado pode exercer a atração de um enigma a ser decifrado. Pode ser para os filhos o núcleo inconsciente de um projeto de vida, de uma elaboração que, como um imã, convida o desejo. Édipo cumpriu o destino anunciado pelo oráculo de Delfos porque não sabia que crescera como filho adotivo. São inúmeros os exemplos na clínica em que histórias não contadas, segredos de gerações anteriores, impõem à des-

condição a realização em ato do que se suprimiu da história transmitida por uma via consciente. A lacuna em uma página de um álbum de figurinhas ou de uma coleção de selos atrai como um imã o nosso olhar. Eu me pergunto que segredos sedutores abriga para os meus filhos a não inscrição da língua húngara. Ela existe somente como um som sem significado, que eles ouviam quando eu conversava com alguém. Existe cercada de mitos, como a língua dos avós, como a língua que detinha expressões estranhas, palavras inexistentes em português.

Comecei a traduzir porque tive a coragem dos irresponsáveis. Eu nunca havia lido nada em húngaro a não ser letreiros de lojas, nomes de ruas ou listas de jogadores de futebol. Ainda assim, com erros. Escrever era impensável. Os primeiros livros foram de autores da primeira metade do século XX. Embora o texto literário fosse muito diferente da língua coloquial que eu falava numa conversa entre amigos ou na cozinha de casa, ele tinha sido elaborado na época em que meus pais viviam na Hungria. Hoje tenho claro que eles passaram quase sessenta anos no Brasil falando, juntamente com os conhecidos que emigraram no mesmo período que eles, uma língua que havia parado no tempo. No início dos anos 50, não existiam computadores e tudo que deles derivou, copiadoras, televisões, aeronaves, música digital, telefones celulares, aplicativos de trânsito e outras tantas novidades que compõem uma lista extensa. Tudo isso eles incorporaram ao húngaro em português. Misturaram à língua nativa os novos termos, acrescentando a eles prefixos ou sufixos do húngaro. Curiosamente, incorporaram também ao húngaro palavras comuns, que existiam nas duas línguas, como se para algumas delas o português oferecesse uma alternativa melhor. As coisas próprias do Brasil também sofreram a mesma distorção. Por conta da maior flexibilidade de construção de declinações ou do acréscimo do que nós chamaríamos de prefixos ou sufixos, elas foram incorporadas ao húngaro sem conflitos.

Aconteceu de um dia me encomendarem a tradução de dois livros de um autor contemporâneo, Péter Eszterházy, uma das mais ilustres figuras da literatura húngara dos nossos dias. O primeiro, *Uma mulher*, consistia em uma coleção de breves narrativas em que o universo feminino era descrito em todas as suas variantes. Predominava o tema do amor e da sexualidade, justamente o terreno que meu húngaro caseiro não cobria. Sándor Márai, Gyula Krúdy e outros que eu traduzira de início produziram suas principais obras no período anterior à Segunda Guerra. A língua falada pelos emigrantes no final dos anos 40 se imobilizou e deixou de acompanhar a evolução natural sofrida por todo idioma ao longo do tempo. Amor sexo e contemporaneidade: o desafio parecia insuperável. Os tradicionais amigos dos meus pais se mostraram insuficientes, pois eles também se espantavam com as

expressões desconhecidas. Fui socorrido pela generosidade do próprio Eszterházy que havia elaborado listas com as dúvidas de seus tradutores das diferentes línguas. Aos poucos, a comicidade das situações, devida à minha ausência de familiaridade com as expressões mais modernas, cedeu e a tradução caminhou. Entretanto, a sensação de estranheza diante dos novos termos se manteve, como se mantém até hoje, levando-me a pensar que se não vivemos a evolução da língua à medida em que ela acontece, não conseguimos incorporar as novidades aos afetos. Aprendemos as novas palavras, como adquirimos uma língua estrangeira a partir de certa idade: ganhamos um conhecimento inosso e descolorido.

Péter Eszterházy esteve em Paraty, na FLIP, em 2011. Participou de uma mesa redonda em que pela falta de intérprete foi obrigado a recorrer ao alemão, a língua que conhece além do húngaro. Começou a sua fala dizendo que o alemão lhe permitia dizer somente o que era capaz de expressar nessa língua. A carência de vocabulário limitava o que poderia dizer, ao contrário do que ocorreria se pudesse usar sua língua nativa. Conheço bem a situação. Uma conversa em uma mesa de bar caminha bem em húngaro enquanto falamos da vida alheia ou sobre o cardápio. Entretanto, assim que o tema toca o trabalho, a política ou qualquer assunto que demande uma reflexão aprofundada, o húngaro deixa de servir, perde para o inglês (na impossibilidade de recorrer ao português), língua em que adquiri o vocabulário e a sintaxe que dava conta do que estava nos livros.